

Sarney revela a Collor segredo sobre dívida externa

BRASÍLIA — Tenso, o presidente José Sarney disfarçava o leve tremor nas mãos passando-as repetidamente pelo bigode. O presidente eleito Fernando Collor de Mello percebeu o constrangimento do seu adversário predileto na campanha presidencial. Frente a frente, pela primeira vez depois do resultado das eleições, foi Collor quem tomou a iniciativa de quebrar a tensão do ambiente com uma rápida brincadeira com o fotógrafo que trabalha na Presidência. Na conversa de 1 hora e 23 minutos que os dois tiveram, Sarney confessou ao sucessor os momentos dramáticos que viveu no governo com a crise da dívida externa, que jogou as reservas internacionais do país para pre-cários US\$ 600 milhões. E assumiu o compromisso de entregar o governo com reservas externas confortáveis, ao nível de US\$ 7 bilhões.

A informação prestada pelo presidente Sarney representa um verdadeiro segredo de Estado. Nas vésperas da moratória da dívida externa, em fevereiro de 1987, o governo admitiu que as reservas teriam caído apenas para cerca de US\$ 2 a US\$ 3 bilhões. As reservas externas foram o motivo usado por Collor para abrir a conversa. "Presidente, como estão as nossas reservas?" — perguntou Collor. A partir daí, apesar de mantida a formalidade do tratamento entre os dois, a conversa fluui com facilidade. O presidente Sarney aproveitou a oportunidade e deslanhou um longo e detalhado relato sobre as dificuldades que enfrentou em seu governo na área econômica. Collor ouviu atentamente, mas sem fazer comentários.

Dívida — O presidente eleito ficou satisfeito ao saber de Sarney que a dívida externa brasileira baixou para dois dígitos na escala dos bilhões de dólares. Dos US\$ 127 bilhões criticados por Collor durante a campanha eleitoral, a dívida está hoje em US\$ 99 bilhões, total obtido com os programas de conversão conduzidos por algumas estatais de grande porte. "É uma boa notícia", comemorou Collor. Ele garantiu a Sarney que todos os compromissos externos assumidos até 15 de março serão honrados pelo seu governo.

Segundo esclarecimentos do Banco Central, o presidente Sarney se referia à dívida externa registrada (débitos de médio e longo prazos), excluindo da conta os créditos de curto prazo que chegam a mais de US\$ 10 bilhões. O total da dívida externa, portanto, continua em torno de US\$ 114 bilhões. Sarney forneceu, ainda, os dados recentes sobre as reservas cambiais brasileiras. Quando assumiu, em 1985, essas reservas estavam em US\$ 7,7 bilhões. Hoje, estão em pouco mais de US\$ 7 bilhões, depois de o país ter atravessado fases críticas, em que precisou até decretar a moratória.

O atual presidente da República fez uma longa análise sobre a política externa de seu governo, declarando que a sua atuação nessa área é o motivo de seu maior orgulho, depois do sucesso da trans-

ição política. Collor fez o único elogio da manhã, repetido ao longo do dia pelos assessores dos dois presidentes: "Considero irretoável a política externa do seu governo, sempre pautada pelos interesses nacionais".

O presidente eleito questionou Sarney sobre as possibilidades de expansão da integração com a América Latina, as relações com a África e a inclusão do Brasil em um patamar superior nas relações internacionais. A democratização na América Latina, antes mesmo da abertura no Leste europeu, foi um tema muito discutido no encontro. Sarney contou suas impressões sobre a questão a partir da posse do presidente uruguai, Luis Alberto Lacalle.

Em meio a cafezinhos e um copo de laranjada, Sarney ainda explicou para Collor as dificuldades de seu governo provocadas pelo desequilíbrio fiscal. Mesmo assim, fez comparações que deixam o Brasil em boa situação diante de outros países latino-americanos, igualmente endividados. Para o presidente Sarney, enquanto o México tem um déficit público de 6,8%, e o Uruguai registra a taxa de 6,5% do PIB, o Brasil está com cerca de 4,3%.

Cordiais — Collor chegou sete minutos antes do horário marcado para seu encontro com Sarney, previsto para as 11h, e foi conduzido ao gabinete pelo chefe do Cerimonial da Presidência, Júlio César dos Santos, e pelo ministro do Gabinete Militar, general Bayma Dennis, quando o presidente terminava uma audiência com o cirurgião Euclides Zerbini. Após os cumprimentos da chegada — "cordiais e urbanos", na definição do porta-voz Carlos Henrique Santos — os presidentes posaram para fotografias, conversando durante oito minutos amenidades.

Iniciada a reunião, juntaram-se aos presidentes o embaixador Marcos Coimbra — futuro secretário-geral da Presidência, e o general Homem de Carvalho — futuro chefe do Gabinete Militar, pelo lado de Collor. Da equipe de Sarney participaram Luis Roberto Ponte, ministro do Gabinete Civil, e Bayma Dennis, ministro do Gabinete Militar. Dos ministros da casa, o único ausente foi o ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, a quem Collor chamou de "geral de gênero" durante a campanha eleitoral.

O general Ivan de Souza Mendes, apesar de ausente, informou que parte do encontro de ontem foi apenas entre Collor e Sarney. Os assessores dos dois lados teriam se retirado, segundo o general, a pedido do futuro secretário-geral da Presidência da República, Marcos Coimbra, para que Sarney e Collor pudessem conversar reservadamente. Durante toda a tarde, tanto a equipe de assessores do presidente Sarney como auxiliares do presidente eleito desmentiram o encontro a portas fechadas.



Do encontro entre Collor e Sarney, participaram Bayma Dennis, Ponte e Coimbra

Fotógrafo foi amigo de Collor

■ Ao ver o fotógrafo Jair Cardoso entrar no gabinete, o presidente eleito, Fernando Collor de Mello, sorriu. "Eu fui foco do Jair, no JORNAL DO BRASIL", disse ele ao presidente José Sarney, sentado à sua frente no sofá de couro marrom, lembrando a época em que começou a trabalhar como repórter. A frase foi uma espécie de senha para descontrair o ambiente. Collor chamou o fotógrafo, atualmente funcionário da Radiobrás, cedido ao Palácio do Planalto há quatro anos, para lembrar que haviam estado juntos — Collor, repórter, e Jair, fotógrafo, — em uma academia de caratê no centro da cidade.

Lá, o então estagiário do JORNAL DO BRASIL pediu ao colega que o fotografasse lutando caratê. Jair ficou impressionado com a performance do rapaz, faixa preta, e lhe deu de presente as fotos, que Collor transformou em posters. "Ele tinha um calo na mão e seus golpes eram temidos", recordou-se o fotógrafo, que trabalhou 16 anos no JB e afirma que manteve sua amizade com Collor desde os tempos do JORNAL DO BRASIL.

Planalto vive dia agitado

BRASÍLIA — O Palácio do Planalto viveu ontem um dia movimentado, que os funcionários classificaram de preparo para o dia da posse. Logo cedo, foram entregues as medalhas da Ordem Nacional do Mérito e, em seguida, houve o encontro entre os presidentes José Sarney e Fernando Collor de Mello. Depois, Sarney almoçou com dona Marly e um reduzido grupo de ministros e amigos, no refeitório. Por fim, os seguranças da Presidência fizeram uma homenagem à Águia (codinome do presidente Sarney) e ao Condor (codinome de dona Marly), a quem presentaram, respectivamente, com a estatueta de uma águia e uma cesta de rosas.

A homenagem dos seguranças ao presidente deveria ter sido realizada logo após o encontro com Collor, mas ficou para depois por causa da decisão do presidente de almoçar no Palácio. Como o presidente desejava evitar a imprensa para não ter que falar do encontro com seu sucessor, a

Barelli poderá mediar o pacto

Nilton Horita

SÃO PAULO — O futuro governo Fernando Collor de Mello já iniciou a costura do pacto social que pretende reunir os esforços da sociedade (empresários, trabalhadores e Congresso Nacional). A futura ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e Antônio Rogério Magri, que ocupará a pasta do Trabalho e Previdência Social, foram encarregados pelo presidente eleito de convidar o diretor-técnico do Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), Walter Barelli, que constituiu a assessoria econômica do seu adversário derrotado no segundo turno da eleição presidencial, Luís Inácio Lula da Silva, do PT, para começar as discussões a respeito de um entendimento nacional, por entender que o economista representa um nome de consenso no sindicalismo brasileiro.

A articulação para Collor de Mello iniciar o estreitamento de seus laços com a sociedade surgiu a partir do encontro mantido anteontem, no Bolo de Noiva — anexo do Itamarati, em Brasília — entre o futuro presidente, Zélia, Magri e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luís Antônio de Medeiros. "Sou um peão tentando ajudar o Brasil", afirmou Medeiros para explicar o seu objetivo ao sinalizar o melhor caminho para a abertura das discussões de um pacto social. "O Barelli é um nome que serve de confluência de todo o movimento sindical brasileiro e representa, naturalmente, o caminho ideal para começar as conversas a respeito de um entendimento. Ele é uma unanimidade nacional, uma personalidade no movimento dos trabalhadores" classificou Medeiros.

Ou seja, Collor está convencido que Barelli tem este perfil por coordenar os trabalhos do Dieese, um instituto que defende durante as campanhas salariais sindicatos tanto ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT) como à Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), além dos independentes. Zélia, ao receber a incumbência do futuro presidente, foi totalmente receptiva: "Sou, inclusive, amiga pessoal do Barelli", informou. Medeiros ficou com a incumbência de conversar com o diretor do Dieese para preparar o terreno das conversações, o que faria ontem, mas não pôde por problemas de agenda entre ambos. Mas, até hoje, Medeiros vai entrar em contato com Barelli e uma conversa com representantes do novo governo poderá se realizar ainda neste final de semana.